

Marcos miliários da Via Romana «Aeminium-Cale»

por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

Ao estudarmos um «terminus augustalis» (1) que outrora marcou um limite entre os territórios de Talábriga e Langóbriga, referimos ter essa lápide sido encontrada juntamente com um marco miliário nos trabalhos de demolição dos alicerces da antiga Igreja de Ul (concelho de Oliveira de Azeméis), trabalhos esses executados no final do século XVIII, princípios do século XIX. Além destas duas pedras havia uma terceira, também com inscrição, mas essa não mereceu a atenção de quem dirigia as obras; lá estava e lá ficou sepultada, a fazer parte da nova parede. Por outro lado, encostado ao muro exterior da sacristia da mesma Igreja, vimos um fragmento de marco miliário de que não encontramos notícia nos trabalhos consultados: como desta via são muito poucos os que têm aparecido e, por outro lado, termos verificado que as descrições são por vezes incompletas, resolvemos reunir o resultado dos exames feitos aos vários marcos para, de certo modo, facilitar o estudo de quem se interessar pela arqueologia romana da região de Aveiro.

O marco miliário aparecido juntamente com a lápide (Figs. 1 e 2) foi colocado, depois de arrancado aos alicerces da velha Igreja, no quintal do Passal do Abade de Ul, «perto da casa do celeiro» (2), para servir de apoio a uma ramada. Dali foi transferido, a instâncias de Bento Carqueja, para a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, de onde o retiraram anos depois. Jazeu longo tempo no Largo da República, «deitado ao comprido» (3), como que votado ao abandono, à espera de melhor sorte. No

(1) D. F. DE ALMEIDA, «*Terminus Augustalis*» entre Talábriga e Langóbriga, *O Arq. Port.*, nova série, II, p. 209.

(2) Informação do actual Rev. Abade de Ul.

(3) MANUEL MENTARFA, *O marco miliário da milha XII*, Porto, 1948.

jornal local, «Correio de Azeméis», Manuel Mentarfa desenvolveu então activa propaganda, na qual exaltava o valor histórico do marco e reclamava para o vetusto monolito, onde se atesta a passagem por ali perto da via militar romana «Olisipo-Bracara», um lugar de destaque e resguardo no edifício da Câmara Municipal. O benemérito articulista usou de todos os meios para convencer a opinião pública do valor do marco miliário, ao qual chegou a dedicar versos, e por fim reuniu os seus escritos em volume, a que deu o sugestivo título: «O marco miliário da milha XII».

Fosse em consequência de tanto esforço ou não, mas certamente algum peso teve a sua campanha, o facto é que a partir de 1947 se encontra erguida, no átrio da Câmara, a já famosa coluna. Ali a procurámos e estudámos, em Abril de 1957.

O marco é de granito e foi em parte destruído atrás e em baixo. Está encaixado em um pequeno sóco, para o manter verticalmente, e que mede 0,16 m. de alto. O marco, acima do sóco, tem 1,62 m. A circunferência, na parte intacta (ou quase) é de 1,43 metros.

O Dr. José Fortes, no trabalho a que já nos referimos a propósito do «terminus augustalis»⁽¹⁾, leu a inscrição em um calco bastante deteriorado e impreciso, segundo informa, e que lhe havia sido conseguido por um empregado do Museu do Porto; no entanto, obteve assim mesmo a leitura exacta, que é como segue:

TIB · CAESAR : DIVI · AVG
 FILIVS · AVGVSTVS
 PONTIFEX · MAXVM
 TRIB · POTESTAT · XXV
 XII

a qual completamos facilmente:

Tibe(rius) Caesar, Divi Aug(usti) / filius, Auōustus, / Pontifex maxum(us), trib(uniciaē) potestat(is) XXV, / [m(ilia) p(assuum)] / XII.

As letras são do mesmo tipo das do «terminus», mas menos correctas; medem 0,05 m., excepto as da linha 5.^a que medem 0,065 metros.

(1) JOSÉ FORTES, notícia in «Anais do Município de Oliveira de Azeméis», p. 347.

O miliário, dedicado a Tibério, tem a data de 1 de Julho do ano 23 ao fim de Junho do ano seguinte. Infelizmente nada nos diz sobre o ponto por onde começava a contagem das XII milhas; sabemos que a estrada a que pertencia a via «Aeminium-Cale», troço da via «Olisipo-Bracara», media 71 milhas e passava por Talábriga e por Langóbriga. Aquela ficava a 40 milhas do ponto de partida; Langóbriga a 18 milhas desta e dali a Cale havia mais 13 milhas.

O marco de Ul apareceu, pois (e naturalmente ali ou nas proximidades fora originariamente colocado), entre as duas *oppida* Talábriga e Langóbriga, a 12 milhas de uma delas. Não havia, pelo menos muitos marcos o provam, uma regra certa na escolha dos pontos de partida para as marcações ao longo de uma via; mas também esses pontos não eram arbitrários. Por isso cremos que o marco de Ul indicaria estar XII milhas, ou sejam 17,778 quilómetros distante de Talábriga (milha igual a 1481,5 metros, segundo Saglio & Daremberg).

O marco de Ul tem ainda um mérito especial ⁽¹⁾, o de indicar ser o trajecto da via pelo interior, a servir os castros e as minas, e não à beira-mar, a passar por onde hoje é Aveiro.

Foi não longe de Ul, mas ainda na sua freguesia, no lugar de Adães, distante pouco mais de um quilómetro, que apareceu o fragmento de marco miliário (Fig. 3) já referido. O então Abade, o Rev. Pe. Agostinho Pereira da Silva Gomes, recolheu-o por volta do ano de 1944 e colocou-o encostado à parede da sacristia da Igreja de Ul, precisamente por baixo da inscrição do «terminus augustalis». É também de granito; mede 1,07 m. de largura e tem, de circunferência, 1,57 m.; infelizmente não é possível a leitura da inscrição, por estar muito gasta. No entanto não deixa de ter valor, pois com o marco de Ul e o fragmento deste, de Adães, fica reforçada a tese de que a via romana passava por aqueles sítios, afastada do mar.

Dois outros monumentos idênticos e pertencentes à mesma via, apareceram há já bastante tempo: um deles está no Museu Machado de Castro, de Coimbra (Fig. 4) e outro na Câmara Municipal da Mealhada (Figuras 5 e 6).

O de Coimbra surgiu numas demolições, em 1878, perto do Arco da

(1) JOSÉ FORTES, *op. cit.*

Traição das muralhas daquela cidade. Calculou-se ter sido para ali transportado com outras pedras, algumas também romanas, quando foi construída e reconstruída a muralha medieval. Só assim se explica o ter gravado M P III e ter aparecido em Coimbra, a antiga «Aeminium». Guardado pelo Reitor da Universidade, foi colocado junto à parede da Capela, do lado da Biblioteca; em seguida transitou para a coleção do Instituto de Coimbra e, finalmente, para o Museu Machado de Castro, onde se encontra.

É de calcário e gravado com óptimos caracteres imperiais; está inscrito no *Corpus Inscriptionum Latinarum* com o n.º 4.639. Infelizmente não está intacto, mas conserva o principal da inscrição. Mede 0,80 m, de altura e tem, de circunferência, 1,36 m.; as letras medem 0,06 m. de altura.

A leitura é a seguinte:

CAESAR · DIVI
AVG · PRON · AVG
ONT · MAX · TRIB
T · III · COS · DESIG
 P P
M III

que completamos:

[C] *Caesar, Divi / Aug(usti) pron(eps), Aug(ustus), / [P]ont(ifex) max(imus), trib(unicia) / [po]t(estate) III, co(n)s(ul) desig(natus), / P(ater) P(atriciae), / m(ilia pasuum) IIII.*

É pois do tempo de Calígula, do ano que vai de 18 de Março de 39 A. D. a 17 de Março do ano seguinte (*trib. pot. III*); mas a referência ao consulado indica que devia ser anterior a 1 de Janeiro do ano 40: evidentemente, o marco deve ser datado do ano 39. Ora, no *C. I. L.* vem com a data do ano seguinte, o que só se explica por Hübner não ter lido a inscrição; o engano provém de ter reconstituído a 1.^a 4.^a POT III COS III COS DESIG quando o que lá está é T III COS DESIG. Não está, pois, datada da *tribunicia potestas IIII*, mas III.

O marco da Mealhada (*C. I. L. II, 4.640*) foi encontrado em 1856 ⁽¹⁾, quando se procedia à construção do caminho de ferro, ou em 1857 ⁽²⁾ e a «nascente da estrada nacional para Aveiro, a 1.508 m. ao sul da villa da mealhada (inter Fornos et Pedreira vicos a Conimbriga septemtrionem versus sitos)».

É também de calcário, como o de Coimbra e igualmente bem gravado, mas as letras estão mais gastas. Infelizmente alguém se entreteve, pacientemente, a marcá-las com lápis umas, alcatrão outras, o que é inadmissível e lhe dá o mau aspecto, aliás fàcilmente remediável, que se vê na fotografia (Figs. 5 e 6).

As medidas que tomámos são as seguintes: altura, 1,79 m.; circunferência, 1,39 m. As letras são de alturas variáveis, entre 0,054 e 0,058 m. A leitura é como segue:

SAR · DIVI
 RON · AVG
 MAX · TRIB
 COS · DESI
 P P
 XII

que reconstituímos:

[*C. Cae*]sar, *Divi* / [*Aug(usti) p*]ron(*epos*), *Aug(ustus)*, / [*Pont(ifex)*] *max(imus)*, *trib(unicia)* / [*p(otestate) III*], *co(n)s(ul) desi(gnatus)*, / *P(ater) P(atriæ)*, / (*milia passuum*) *XII*.

Este marco foi, por consequência, colocado na mesma data que o de Coimbra atrás descrito; e igualmente temos que corrigir o *C. I. L. II*, pois também para esta inscrição marca o ano 40, quando deve ser o ano 39: uma foi decalcada sobre a outra. São pois ambas de Calígula e do ano 39 A. D.

Finalmente não queremos deixar de juntar aos marcos descritos, o cha-

(1) PINHO LEAL, *op. cit.*, s.v. Mealhada.

(2) *C. I. L.*, II, 4.640.

mado marco de S. Gião, que Fr. Bernardo de Brito (1) diz ter encontrado no «castelo» que leva aquele nome e estava escrito em «letras mal distinctas e muy quebradas».

As letras e sua disposição seriam as seguintes:

COS · VI
P · IX · PF
VAC · XII · P · M

Vem transcrito no *C. L. I*, II, n.º 442* e da sua leitura infere-se, se tomarmos a letra P da 2.ª linha como o que restaria de TRIB P (*otestate*) e procurarmos qual foi o Imperador que estava revestido desse cargo pela IX vez ao mesmo tempo que era cônsul pela VI, não encontramos nenhum, mas como era possível faltarem letras ao número do consulado, poderíamos supor tratar-se do consulado VIII, o que corresponderia ao Imperador Vespasiano: e então teríamos o ano 77 ou o ano 78. Também poderia ser T · P · IX e COS VII e então referir-se-ia a Tito e ao ano 79. Mas há sinais evidentes ou da inscrição não ter sido bem lida, ou de ser falsa; por exemplo, a indicação do consulado vem antes da do poder tribunicio e não se trata de uma ordem inversa, pois as letras P F, da 2.ª linha, seriam com toda a probabilidade P P (*Pater Patriae*) e vêm depois, quando na ordem inversa deviam vir antes. Finalmente, antes do número indicativo das milhas (3.ª linha) a palavra abreviada V A C seria, para Fr. Bernardo de Brito, V A C V A; isto tudo para demonstrar que a estrada passava por Aveiro e esta cidade seria a velha Talábriga. E não falemos na indicação das milhas estar invertida: P M em vez de M P. Acresce ainda, se o marco foi encontrado num «castelo» (castro), pelo menos por ali a via não seguia a beira-mar, o que neste pormenor está certo. Por tudo isto foi posto de parte o marco da Serra de S. Gião, bem como uma outra inscrição da mesma estrada militar, igualmente falsa e também anotada no *C. I. L.* (II, n.º 46*).

Agradecemos ao Sr. Dr. António Maria Pinto dos Reis as informações que amavelmente nos prestou, e à Fotografia Paúl, de Oliveira de Azeméis, as fotografias do marco de Ul.

(1) FR. BERNARDO DE BRITO, *Monarchia Lusitana*, II, p. 3.



Fig. 1 — Marco miliário de Ul.
(Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis)

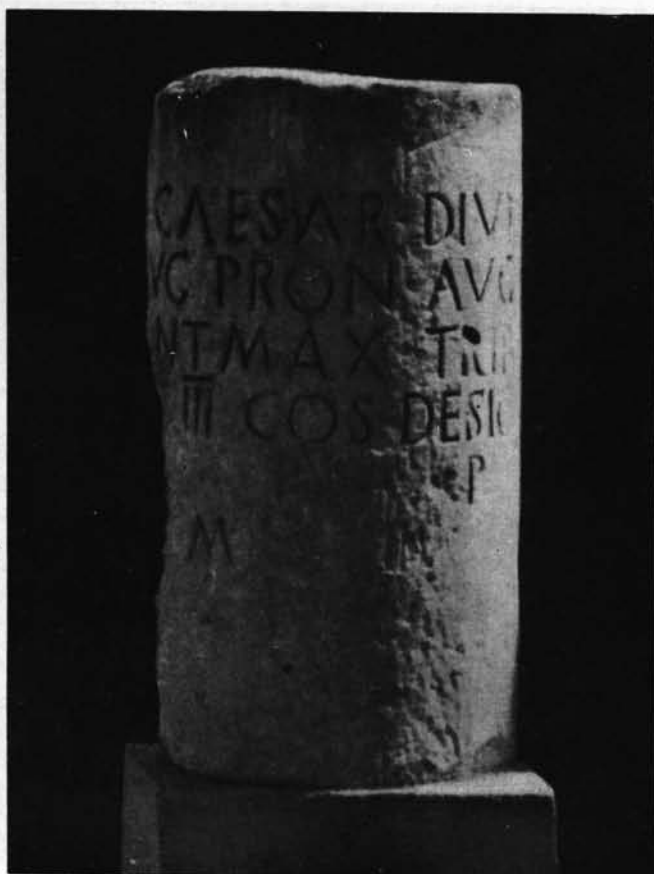


Fig. 2 — Pormenor do marco Ul.



Fig. 3 — Marco miliário de Adães.
(Junto à sacristia da Igreja de Ul).

Fig. 4 — Marco miliário IIII.
(Museu Machado de Castro, Coimbra).



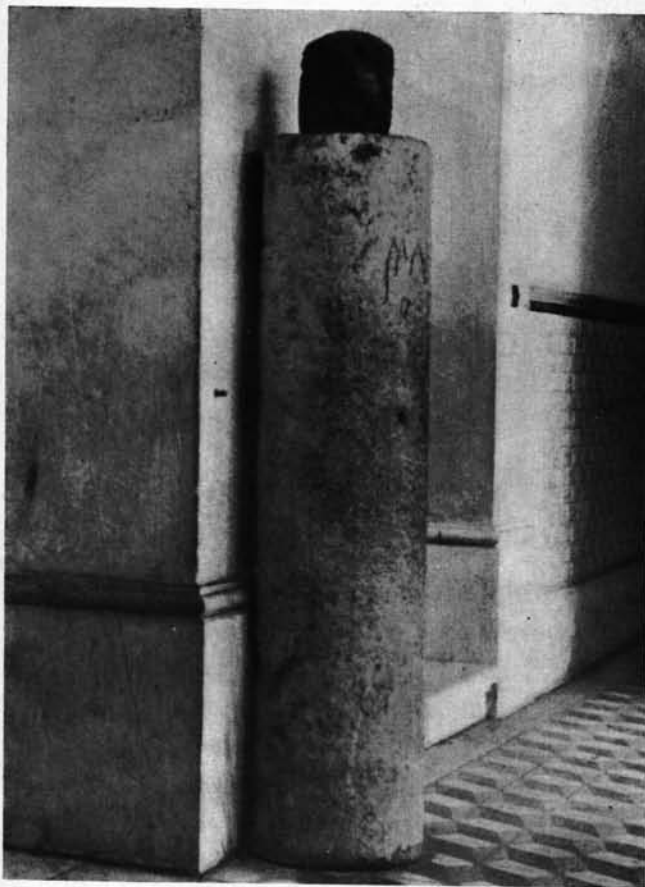


Fig. 5 — Marco miliário da Mealhada.
(Câmara Municipal da Mealhada).

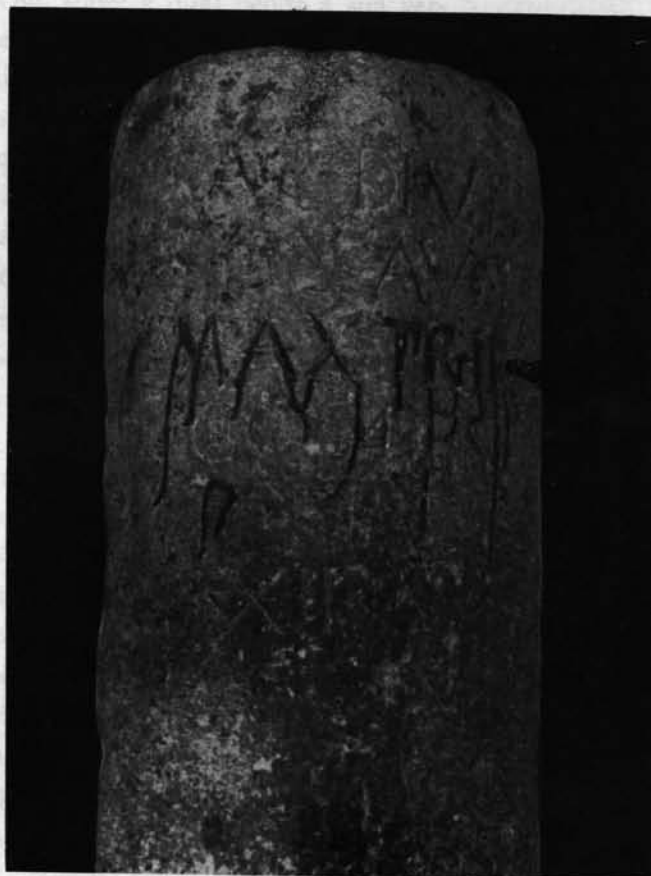


Fig. 6 — Pormenor do marco da Mealhada.